

REFLEXÕES SOBRE ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO DE BIOLOGIA

Andreza Campos de Moura (1); Ricardo Ferreira das Neves(2)

(1) Graduanda em Ciências biológicas, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Centro Acadêmico de Vitória (CAV). *E-mail*: cmoura.andreza@gmail.com

(2) Docente de Ciências biológicas, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Centro Acadêmico de Vitória (CAV). *E-mail*: rico.neves2010@gmail.com

Introdução

Os estágios nos cursos de Licenciatura são exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (BRASIL, 1996). Para Bezerra et al. (2013, p.7), “O Estágio Supervisionado é a consolidação da disciplina obrigatória e uma continuação necessária para o aprendizado do discente”. Tendo ainda a função de aproximar o estudante à realidade na qual irá participar no ambiente de trabalho (PIMENTA; LIMA, 2011). Nesse viés, constitui-se como uma etapa significativa na formação acadêmica dos licenciandos, pois as experiências teórica-prática auxilia no desenvolvimento de saberes e competências docentes (TARDIF, 2002; PASSINI, 2007). Assim, a oportunidade de treinamento prático durante a formação acadêmica é imprescindível para todo o profissional.

Nesse contexto, Scalabrin e Molinari, (2013, p.5), afirmam que: “(...) o estágio supervisionado deve acontecer durante a vida acadêmica começando com a observação, com atividades complementares, práticas pedagógicas e isso acabará proporcionando mais probabilidade de sucesso no estágio e na sua formação profissional”. O estágio supervisionado na formação do professor de Ciências e Biologia tem fundamental importância, pois a partir dele, o licenciando pode assumir uma postura pedagógica de investigação e não se torne mero repetidor de conceitos (BAPTISTA, 2003).

Sendo assim, o estágio representa o oportuno momento de adquirir experiências necessárias no exercício da prática docente, não devendo ser desvalorizados pelas instituições e nem ser encarado como uma tarefa burocrática (KULCSAR, 1991). A partir disso, é pertinente discutirmos que inferências o Estágio Obrigatório no Ensino de Biologia pode apresentar ao estagiário, durante o seu cumprimento no âmbito escolar.

Para tanto, este trabalho consiste num relato de experiência vivenciado por uma estudante do Curso de licenciatura em Ciências Biológicas, no ano de 2017, na realização do o Estágio de Ensino de Biologia 3. A partir dele, procuramos apontar nossa percepção do espaço escolar e as nuances que possam existir durante a realização do estágio.

Materiais e Métodos

O relato envolveu uma abordagem qualitativa, de cunho observacional e descritivo, visto que o olhar pode oportunizar informações minuciosas sobre o comportamento do ser estudado (VIEIRA; SOUZA BRITTO, 2008) e o discurso dos envolvidos pode descrever o as suas práticas de forma mais particular (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

O Estágio Supervisionado ocorreu numa escola estadual em Vitória de Santo Antão-PE, sendo ministradas 90hrs/aula em seis turmas do ensino médio, durante o turno matutino. A escola possui mais de 890 alunos matriculados, divididos pelas três séries do ensino Médio, além das turmas do EJA, funcionando em três turnos. Nesse viés, o estágio contemplou as seguintes etapas, conforme o quadro 1, a seguir.

Quadro 1. Etapas desenvolvidas no Estágio Supervisionado.

| Etapas | Descrição das etapas do estágio |
|---------------|--|
| I | Caracterização do espaço escolar: infraestrutura (estrutural e didático-pedagógica). |
| II | Observação: Comportamento, relações estabelecidas e convivências na escola. |
| III | Regência: ministração das aulas no ensino médio. |

Fonte: Os Autores.

Na seção subseqüente, temos as inferências percebidas durante o Estágio Supervisionado no Ensino de Biologia.

Resultados e Discussão

Aqui, pontuamos alguns elementos percebidos no campo de estágio relacionado com a caracterização do espaço escolar, a observação e a regência.

Caracterização do espaço escolar

- ***Da Infraestrutura Escolar***

A infraestrutura da escola é bastante simples com poucas salas e de pequeno porte, no andar do térreo. Contudo, consegue comportar o alunado. Não apresenta quadra de esporte coberta, fazendo com que os alunos pratiquem esportes embaixo de sol. Existe uma

superlotação, cuja estrutura das salas de aula é elemento que influencia a dinâmica do ensino-aprendizagem.

Para as atividades práticas não se dispõe de laboratório de ciências, constando de apenas um microscópio, mas sem manutenção, o que inviabiliza atividades na qual seja necessária a utilização do equipamento.

Observação

- *Dos Estudantes*

Os alunos se sentem bastante desmotivados, pois durante as aulas era comum a dispersão por meio de conversas paralelas, do uso de celulares durante a aula. São recorrentes as perguntas, “é pra copiar?”, “vale nota?”. Assim, o desinteresse é aparente, e quando envolve atividades como questionários, após a explanação do conteúdo, as respostas de 90% dos estudantes apresentavam equívocos conceituais. Muitos estão despreocupados em relação à formação superior, cuja maioria não tem interesse e se apresentam sem perspectiva, não tem ambições após o término do ensino médio. Tapia (2004) afirma que a escola deve oferecer um ambiente de qualidade, propício ao desenvolvimento dos alunos, visando modificar essa perspectiva.

- *Dos Docentes*

Durante as aulas, alguns professores se aparentam desmotivados, devido à superlotação de salas, alunos indisciplinados, violência, tempo de serviço, más condições de trabalho e falta de ferramentas adequadas, corroborando com isso Silva (2012), aponta que esses fatores só comprometem ainda mais o ambiente de ensino e causa desmotivação profissional.

Apesar destas dificuldades, os professores procuram desenvolver propostas que corroborem para um melhor aprendizado dos alunos. Como exemplo, a realização da feira de ciências, cujos alunos tiveram a oportunidade de realizar experimentações e demonstrá-las. Essa atividade foi bastante comentada pelos discentes, que se mostraram radiantes, motivados, satisfeitos e encorajados com a proposta. Contudo, ainda foi possível observar que muitos desses profissionais estão arraigados a métodos tradicionais, como copiar no quadro e exercícios prontos dispostos “naquele caderno de folhas amareladas”.

Regência

- *Do estagiário*

Apesar da boa receptividade dos professores, que apreciavam nossa presença em sala de aula para colocar a caderneta em dia. Muitos dos estudantes questionavam o nosso método de ensino, pois utilizávamos recursos didáticos e isso oportunizada inquietações, pois as aulas não eram observadas como aulas “normais”. Como exemplo, a aula de revisão de conteúdo para avaliação, com uso de um jogo didático, que para alguns alunos, por utilizar o recurso à aula não era percebida como uma revisão. Para nós fica o questionamento: como lidar com essas situações? Para Krüger et al. (2013), essa situação que vivenciamos, está relacionada com a disposição dos alunos por uma metodologia tradicionalista, visto que se apresenta numa sequencia repetida, não exigindo mobilização cognitiva para resolução de problemas ou outros questionamentos sobre o conteúdo abordado.

Por fim, cabem aqui algumas *Reflexões antes, durante e após o estágio*, que realizamos na escola.

Os estudantes de licenciatura convivem com a dualidade das questões, durante a graduação somos despertados para todas as possibilidades de ensino e aprendizagem, conhecemos todas as utopias que envolvem a educação e que as notas são construções sociais apenas. Entendemos construção social por uma elaboração de normas, valores, símbolos sociais realizados pela a sociedade. Aprendemos ainda que, o que está no boletim, caderneta e etc. não nos caracteriza por completo, e a todo tempo somos lembrados de que é importante trabalhar a humanização e contextualização do ensino.

Sabemos que os métodos avaliativos são falhos, que não devemos notificar/quantificar o rendimento dos nossos alunos com base apenas em testes escritos que valem de 0 a 10, por que tais métodos são inconclusivos na maioria dos casos, devendo utilizar mais de um método para avaliá-los; trabalhar das mais variadas formas os conteúdos e levar em consideração a individualidade de cada estudante.

Segundo Scalabrin e Molinari, (2013, p.3), “é preciso conhecer os alunos, a comunidade interna e externa da escola são fatores que melhoram a qualidade do trabalho do educador, pois quando o professor conhece a realidade consegue elaborar melhor a sua prática de sala de aula e obter mais sucesso no seu trabalho”. Pensamos em como realizar um bom trabalho, com 3 turmas diferentes, compostas de 40 alunos? Como respeitar as características de cada aluno e ainda obedecer às normas impostas pela escola? Devemos ser hipócritas, fechar os olhos e seguir em frente reprovando e aprovando com base em números, que nós sabemos que não são suficientes? Todas essas questões são de extrema importância para a construção de um professor, que em meio a tantas barreiras tem que exercer sua função na sociedade.

Por fim, existem ainda muitas questões que precisam ser revistas, como o papel do professor futurista; abordado na graduação e o perfil que é encontrado dentro da escola atualmente, pois são caracterizações bastante distintas. Também é preciso discutir o papel da nota, da avaliação no sistema básico de ensino, pois há claramente um distanciamento entre a escola que idealizamos e a que vivenciamos no dia-a-dia. Assim, precisamos valorizar os profissionais da educação, trazer a comunidade para dentro da escola, para mudar nossa realidade, que há tantos anos é a mesma e nos aproximar dos nossos ideais.

Conclusões

A baixa receptividade dos alunos às metodologias de ensino empregadas na sala de aula revelou que os estudantes estão envolvidos num ensino tradicional e centralizador, sem estímulo crítico, apático e sem perspectivas futuras. O fator infraestrutura também contribui para certa desmotivação do corpo docente e discente no processo de ensino e aprendizagem.

O uso de novos métodos de ensino inovadores e lúdicos deve ser inserido em sala de aula, visando instigar os discentes a reflexão e conflitos cognitivos sobre os conteúdos abordados, procurando estimulá-los a participarem da aula e desenvolverem seu senso crítico. Além de haver melhor investimento na escola que atendam e respeitem as necessidades de alunos e de professores.

Por fim, o estagio supervisionado representa etapa crucial na formação do professor, pois reflete no desenvolvimento de habilidades e competências do futuro docente, para serem aplicadas durante a prática pedagógica.

Referências Bibliográficas

BAPTISTA, C. S. G. A importância da reflexão sobre a prática de ensino para a formação docente inicial em Ciências e Biológicas. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**. UFMG, v.5, n.2, p.4-12, 2003.

BEZERRA, G. M. et al. **Estágio supervisionado-professores da educação básica e a importância da formação continuada**. 2013.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**. Lei nº9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

KRÜGER, L. M. et al. **Método Tradicional e Método Construtivista de Ensino no Processo de Aprendizagem**: uma investigação com os acadêmicos da disciplina Contabilidade III do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina. 2013.

KULCSAR, R. **O Estágio Supervisionado como atividade integradora**. Campinas-SP: Papyrus, 1991.

PASSINI, E. Y. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

PIMENTA, S. G. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2011.

SCALABRIN, I. et al. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista Unar**, vol, v. 17, 2013.

SILVA, D. N. **A desmotivação do professor em sala de aula, nas escolas públicas do município de São José dos Campos-SP**. 2012. 51p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Pública Municipal), Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campus Curitiba, 2012.

TAPIA, J. A. **Contexto, motivação e aprendizagem**. 6 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VIEIRA, G. F.; SOUZA BRITTO, I. A. G. Discutindo o levantamento de dados via metodologia observacional. Sobre Comportamento e Cognição—reflexões epistemológicas e conceituais, considerações metodológicas. **Relados de pesquisa**, v. 22, p. 123-131. 2008.